

## **Os números não são pessoas e as pessoas que nem números são? A desumanização brutal do Brasil de sempre em tempos de pandemia<sup>1</sup>**

Paloma Silveira<sup>2</sup>

Em sua obra seminal *Viva o Povo Brasileiro* (1984), João Ubaldo Ribeiro apresenta uma narrativa sobre o Brasil e a constituição de nosso povo. Abarca vários momentos históricos com personagens que se movem entre fatos reais e ficções, lembrando o realismo mágico de Gabriel García Marquez em *Cem Anos de Solidão*. Dentro desta rica narrativa, com pitadas de ironia, encontramos duas personagens que nos parecem interessantes aos propósitos deste texto: Perilo Ambrósio Góes Farinha e Maria da Fé. Vejamos a primeira.

No contexto da luta pela independência do Brasil travada na Bahia, o autor inicia a história de Perilo. Homem branco, português, de família rica, descrito como um pária e sem muitos escrúpulos, execrado até pelos parentes, decidiu combater ao lado dos/as revoltosos/as. Motivado pela fama e benefícios que poderia obter, Perilo não participou de nenhuma batalha, assistiu tudo à distância com alguns escravos, os “*negros imundos*”<sup>3</sup>. No entanto, foi alçado a herói da independência. Matou um escravo e com seu sangue sujou suas roupas para parecer que foi ferido em batalha. Cortou a língua de outro, para que este lhe servisse de testemunha viva de seus supostos atos heroicos e muda do fato concreto.

Ao final do processo, o Brasil “independente” e “livre” das garras dos colonizadores portugueses, com o auxílio dos ingleses, Perilo além de herói, se tornou o Barão de Pirapuama. Casa com uma mulher branca, religiosa e rica, a senhorinha da casa. Estupra as escravas negras, açoita e mata os escravos preguiçosos e indolentes, enriquece mais com a escravidão e com um sistema de leis, normas, que não se alteraram com a independência. Afinal, as coisas devem sim mudar, mas para permanecerem as mesmas. Os/as indígenas, “*e daí?*”. Nem para serem escravos/as lhe serviam.

---

<sup>1</sup>Agradecimentos especiais à minha família, Emanuelle Góes, Carmen Teixeira e Jairnilson Paim pela leitura atenta do texto e contribuições.

<sup>2</sup>Professora, psicóloga e as vezes artista. Mestra em Psicologia pela UFPE e Doutora em Saúde Coletiva pelo ISC/UFBA.

<sup>3</sup>Expressão extraída do livro *Viva o Povo Brasileiro*.

O que este breve recorte da história de Perilo tem a ver com o Brasil de hoje? Ora, o Brasil da pandemia sob governo de um antipresidente<sup>4</sup>, está conseguindo se tornar ainda mais brutal do que sempre foi. Dados divulgados sobre a pandemia revelam cotidianamente isso, com os números crescentes de pessoas contaminadas e de mortes. Mesmo com a subnotificação, as estimativas divulgadas pelo Ministério da Saúde, em 08/05/2020, apontam números alarmantes: 751 mortes em 24h; 9.897 óbitos registrados e 145.328 casos confirmados (NOGUEIRA, 2020), mas o “Perilo” que ocupa o Palácio do Planalto decide fazer um churrasco com “1,3 mil” convidados, pois “não vive quem fica arrastando cordéis de caixões” complementou sua “noiva”, a namoradinha do BraZil.

Foram as parcelas mais privilegiadas do povo brasileiro, aquelas que conseguem viajar para a Europa nas férias e não para a Disney, que trouxeram o vírus para o país. A elite e as classes que se acham elite, assim como Perilo, continuam preocupadas com os seus privilégios, em ampliá-los, custe o que custar, contanto, que não mexam na divisão do lucro, na família, na moral e nos bons costumes: *“BraZil acima de tudo, Deus acima de todos”*. O conservadorismo religioso se expandiu e saiu mais fortalecido nas últimas eleições com o crescimento da bancada evangélica (DAMÉ, 2018). O Estado laico vem se tornando, cada vez mais, uma ficção. A religião uma tábua de salvação junto com o autointitulado “antissistema” eleito, que zomba da democracia representativa e participativa? Grita a jornalistas: “Cala a boca!”.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado em 2019, o Brasil tem a segunda maior concentração de renda do mundo. Os números são assombrosos, o 1% mais rico concentra 28,3% de toda renda do país, o Catar que ocupa primeiro lugar tem a proporção de 29%. Outro recorte mostra que os 10% mais ricos concentram 41,9% da renda total do Brasil (G1, 2019). Em 2018, um estudo sobre a desigualdade social no Brasil feito pela Organização Não-Governamental (ONG) britânica Oxfam aponta que cinco empresários possuem um patrimônio igual à da metade mais pobre do povo brasileiro (BRASIL ECONÔMICO, 2018). Cinco bilionários. Cinco homens brancos. A pesquisa ainda aponta que nem todas essas pessoas, porque esses números de ricos representam pessoas, se tornaram bilionárias “pelo trabalho duro”, advindo de uma conseqüente meritocracia. A maior parte de suas riquezas foi sendo acumulada

---

<sup>4</sup>Termo utilizado pela jornalista Eliane Brum (2020).

durante anos através de heranças e dos lucros obtidos em negócios feitos com o Estado. Relações clientelistas estabelecidas com gestores de instituições governamentais em distintas esferas – federal, estadual e municipal. Perilo Ambrósio Góes Farinha teve filhos.

Os dados desse estudo produzidos em um contexto de crise do capitalismo, também mostram como a crise enriqueceu mais os poucos ricos e empobreceu a majoritária parte do povo brasileiro. As promessas dos governos que vieram depois do golpe político, jurídico e parlamentar de 2016, incluindo o atual, de que melhorias na economia gerariam empregos e, conseqüentemente, a vida do povo brasileiro mudaria para melhor, não se concretizaram. A reforma trabalhista aprovada em 2017 não trouxe o que foi prometido, pelo contrário (BOMFIM, 2018), e o arsenal contra os/as trabalhadores/as foi ampliado em 2019, com a aprovação da reforma da previdência.

O processo que tem sido denominado por alguns e algumas como “uberização” da vida cresceu muito, colocando grandes parcelas do povo brasileiro em condições de trabalho similares a escravidão (OUTRAS PALAVRAS, 2020), com uma diferença de que os/as explorados/as não sabem atualmente quem são os seus novos senhores. As tecnologias digitais exercem o controle dos corpos, vigilante e invisível, sendo dispositivos do biopoder foucaultiano. Filmes como *Você não estava aqui*, de Kean Loach, e *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, de Marcelo Gomes, ambos lançados em 2019, retratam de forma magistral esta realidade. As novas formas de escravidão contemporâneas vendidas através da ilusão do empreendedorismo que toma todo o tempo da vida dos/as trabalhadores/as, sem nenhuma garantia de direitos trabalhistas, sob as máximas: “trabalhe duro” e “não seja preguiçoso/a”.

Com a pandemia, a “gripezinha”, os/as ditos/as empreendedores/as se depararam com a brutalidade maior de uma vida precarizada, sem direitos. O antipresidente com seu histórico de atleta e sua equipe não se importam: “E daí?” Mais uma vez o mantra da relevância da economia agora com o *chicago boy*, ministro da Economia, foi entoado como a única solução possível. Empresários brasileiros, homens brancos, divulgaram vídeos, defendendo a retomada do trabalho para a economia não parar de vez. Carreatas e outras manifestações foram realizadas contrárias à única estratégia que, até o momento, tem sido a mais eficaz

para o controle do aumento de casos, o distanciamento social (TAJRA; ANDRADE, 2020).

Entretanto, pressionados pela Covid-19, por parte do povo brasileiro, pelas disputas políticas, pela moral e pelos bons costumes, o “atleta” e o *chicago boy* se veem obrigados a “ajudar” esse povo brasileiro. O BraZil não tem dinheiro, disseram. Duzentos reais, propuseram. Não é possível esse valor, disseram outros. Seiscentos reais, decidido. O BraZil assiste “na sala de jantar”<sup>5</sup> o desespero do Brasil amontoado nas filas quilométricas, com o coronavírus circulando. O Brasil, de maioria, preta e parda, pobre. De acordo com o levantamento sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça divulgado em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são os negros - pretos e pardos - que compõem a maior parcela entre os trabalhadores desocupados (64,2%), subutilizados (66,1%) e informais (47,3%) (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

O que vale mais neste cenário de absurdos a economia ou a vida humana? E quais vidas são tidas como humanas? De acordo com Quijano (2005) o sentido moderno da noção de raça foi inventado no processo de colonização dos territórios nomeados, posteriormente, como América. Critérios supostamente biológicos e baseados na separação cristã do espírito/alma do corpo, foram construídos para diferenciar os colonizadores dos outros. As relações sociais constituídas a partir desta noção racial produziram novas identidades que até então não existiam: índios/as, negros/as e mestiços/as, e redefiniram outras como espanhol e português, em europeus. O que antes apenas significava uma localização geográfica ou um país, adquiriu novos sentidos.

Com o avanço do processo de dominação e exploração, estas identidades historicamente criadas foram associadas a hierarquias, lugares e posições sociais correspondentes e opostas. Aos colonizadores o polo superior, europeu, denominado como branco, civilizado/razão e humano, aos colonizados o polo inferior, o extermínio da diversidade dos povos classificando-os em dois grupos índios e negros, primitivos/natureza e não-humanos. Para Quijano (2005) o poder colonial eurocêntrico com a sua codificação racial produziu duas implicações: todos os povos que habitavam os territórios invadidos (incas, astecas, tupis, aimarás etc.) e os que foram forçosamente trazidos como escravos (iorubas, nagôs, zulus, congos etc.) não tinham mais suas identidades históricas próprias e singulares; e a outra,

---

<sup>5</sup>Trecho da música Panis et Circenses de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

que a nova identidade colonial e negativa os excluía da história de produção cultural da humanidade. A partir da colonização, os denominados como índios e negros não seriam nada mais que raças inferiores, com culturas primitivas, a serviço do sistema-mundo capitalista: os trabalhos do escravo negro e do servo indígena (QUIJANO, 2005).

A codificação racial colonial, ao se articular com outras dimensões sociais como gênero, produz ainda mais desumanidades (QUIJANO, 2005). O discurso de Sojourner Truth proferido em 1851<sup>6</sup> é emblemático (AFRO-AMERICANOS, 2014):

(...) Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? (...) Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?  
(*Trechos*)

Então, dentro dessa atual dinâmica colonial brasileira vão existir aquelas pessoas que até se transformam em números, conseguem realizar os exames e acessar um sistema de saúde já colapsado em algumas capitais brasileiras (FERRAZ, 2020). A evidente subnotificação do número de casos e de mortes atinge especialmente o povo brasileiro que para conseguir o registro, tem que recorrer à justiça: “*A Justiça Federal do Rio de Janeiro determinou que os dados registrados e divulgados sobre os casos de coronavírus no país incluam, obrigatoriamente, informações sobre a etnorraça dos infectados*” (incluindo também localização e gênero) (LISBOA, 2020). Esse povo brasileiro que em sua grande maioria vive nas periferias das grandes cidades, foi também ignorado nas recomendações iniciais de prevenção. Lavar as mãos constantemente. Com que água? Álcool em gel. Com que dinheiro? Evitar aglomerações. Em que casa? Em quais transportes? Trabalhar remotamente. Emprego? Informal! Internet? Etc.. Etc.. Etc..

---

<sup>6</sup>Nascida escrava, em Nova Iorque, Sojourner Truth se tornou livre em 1797. Foi uma ativista da abolição e dos direitos das mulheres, além de uma pregadora pentecostal. Quando proferiu o discurso na intervenção da *Women's Rights Convention* em Ohio, Estados Unidos, em uma reunião em que clérigos debatiam os direitos das mulheres, tinha 54 anos e já era reconhecida (AFRO-AMERICANOS, 2014).

São muitas as formas de invisibilidades e apagamentos de existências desse Brasil colonial, mas têm aqueles/as que insistem em dizer que não passa de “mimimi” ou de um politicamente correto ou ainda, para os/as mais críticos/as são aspectos que se restringem apenas às questões identitárias, parecendo que as identidades surgem do nada ou do barro? Não fazem parte da história, da sociedade e da cultura. A pandemia da Covid-19 está mostrando o oposto. Escancara o Brasil de sempre, com os mesmos segmentos sociais que desde a colonização são os/as mais brutalizados/as.

A violência doméstica e sexual contra as mulheres aumentou em vários países com o isolamento social, informou o relatório divulgado pela ONU Mulheres (MODELLI, 2020). No Brasil, o 5º país que mais agride e mata mulheres no mundo, segundo o Mapa da Violência de 2015, este recrudescimento não seria diferente (SUDRÉ; COCOLO, 2016). O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) constatou o aumento de quase 9% de ligações, no mês de março, para o canal Ligue 180 (MODELLI, 2020). No Rio de Janeiro, foi registrado o aumento de 50% dos casos em apenas quatro dias de confinamento (FARIA, 2020). Infelizmente, algo comum que faz parte da experiência de quase todas as mulheres, para aquelas em situação de maior vulnerabilidade esse comum se torna ainda mais brutal, as intersecções de gênero, raça/etnia, território e geração.

Majoritariamente únicas responsáveis pelos trabalhos domésticos, as mulheres também estão bastante sobrecarregadas. Casa, trabalho fora ou remoto (em geral, com salários mais baixos do que os dos homens), cuidados com os/as filhos/as, idosos/as, doentes etc. A exploração dessa mão de obra servil agudizou. O trabalho doméstico extremamente desvalorizado e invisibilizado, apagado pelo sistema capitalista, torna-se ainda mais exaustivo, repetitivo e desgastante física e emocionalmente em tempos de pandemia (GUIMARÃES, 2020). Para aquelas majoritariamente brancas, que não demitiram suas serviços<sup>7</sup> majoritariamente pretas e pardas, essa sobrecarga está diferente. Mesmo em tempos de pandemia, continuam terceirizando esses serviços rotineiros e exaustivos. Em Belém, o prefeito, homem branco, incluiu as empregadas domésticas como prestadoras de serviços essenciais para o *lockdown* (JORNALISTAS LIVRES, 2020).

---

<sup>7</sup>Pesquisa realizada em abril pelo Instituto Locomotiva mostrou que por causa da pandemia, aproximadamente 39% das empregadas domésticas foram dispensadas sem nenhum tipo de remuneração (GUIMARÃES, 2020).

Uma matéria do El País Brasil, publicada neste início de maio, tem como título *A luta contra o coronavírus tem o rosto de mulheres*. A maior parte dos/as profissionais de saúde que faz parte da linha de frente do combate a Covid-19 é composta por enfermeiras/os e técnica/os de enfermagem. O relatório do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) aponta que quase 85% do setor, auxiliares, técnicos/as de enfermagem e enfermeiras/os, são mulheres. Dados<sup>8</sup> do Cofen divulgados no final de abril mostram que 4.602 profissionais foram afastadas por suspeita da Covid-19 e 57 morreram, deste número 32 são mulheres (ALESSI, 2020).

As profissionais além de não encontrarem condições de trabalho dignas e seguras - faltam equipamentos de proteção individual (EPIs) - se deparam com a realidade perversa de ter que escolher quem deve receber o tratamento complexo, em UTIs, dada a falta de respiradores, e quem não deve, ficando apenas com o tratamento simples. Dilemas éticos sobre o viver e o morrer. A pandemia tem escancarado também o desprezo social pelos/as idosos/as. O antipresidente e sua equipe reduziram a Covid-19 a uma doença que “só mata velho”, propondo o isolamento vertical como única estratégia. Acertou assim na troca dos ministros da Saúde, o atual defendeu que entre um/a jovem e um/a idoso o/a médica não deve ter dúvidas sobre quem priorizar (MENEZES, 2020).

E os povos originários neste BraZil colonial pandêmico? Ignorados. Casos confirmados e de mortes pela Covid-19 já foram identificados em diferentes povos indígenas. Grande maioria dos grupos indígenas encontra-se isolado de tudo e carecem de itens de higiene, alimentos etc. Enfrentam, assim, três problemas: a falta de imunidade ao vírus, o abandono dos governos e a violência dos garimpeiros e madeireiros que intensificaram as atividades ilegais de invasão e exploração das terras indígenas. Os povos originários em isolamento voluntário ainda vão se deparar com a evangelização (GÁMEZ, 2020), afinal como disse o antipresidente, *“cada vez mais, o índio é um ser humano como nós”*.

Para a parcela do povo brasileiro privado de liberdade, confinada em prisões superlotadas, foi proposta a utilização de contêineres: separação dos presos durante a pandemia nestas estruturas modulares (PONTES, 2020). O Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo, composta predominantemente por pretos e pardos, pobres (SIMÕES, 2019). As pessoas em situação de rua, pretas,

---

<sup>8</sup>Correspondem a apenas 27% do total de profissionais da área (ALESSI, 2020).

pardas e pobres, em geral, estão contando mais com a solidariedade de outras parcelas do povo brasileiro. Apesar da dita prioridade do governo federal, Damares Alves, a ministra do MMFDH, não soube informar os dados de pessoas contaminadas, nem as ações e emendou: “São muitos? Não. E por que não são muitos ainda? Ninguém pega na mão deles, ninguém abraça morador de rua. Tá aí. Infelizmente.” (CARTA CAPITAL, 2020). Já para a população LGBT, que vive em condições de maior vulnerabilidade social, segundo o MMFDH (2020), foi lançada uma cartilha com algumas informações para prevenção do novo coronavírus. No final encontramos algumas dicas para aproveitar a quarentena: fazer exercícios em casa, assistir a festivais de música online e praticar a fé (MMFDH, 2020).

Apesar de historicamente açoítadas, dizimadas e desumanizadas, essas parcelas do povo brasileiro continuam (re)existindo. Há muito tempo (sobre)vivem neste BraZil de sempre genocida, violento e opressor. Vêm aprendendo que diante deste Estado, o que se impõe é o salvar a si mesmos/as. Um saber ancestral passado de uma geração para outra: a necessidade de construção de laços comunitários, de força e de solidariedade. Neste ponto do texto, encontramos a segunda personagem do livro, Maria da Fé.

Maria da Fé é filha do estupro da escrava Vevé por Perilo. Criada pelo avô de consideração Nego Leléu, que um dia fora escravo, mas conquistou a alforria ao entender e participar do jogo dos brancos, criou Maria da Fé para ser como as brancas. Já embranquecida pelo estupro, nasceu “morena” e de olhos claros, seu avô providenciou o resto: aulas de boas maneiras, educação, inglês, piano etc. Para ele, não existia melhor destino que casar com um homem branco e fazer parte daquela sociedade, mas Maria da Fé tinha dúvidas. Um dia acompanhou a mãe, que se tornou uma pescadora forte e destemida. Ficou encantada. Na volta para casa, foram abordadas por três homens brancos que começaram a importuná-las e exigir os direitos sob os corpos “das negrinhas”<sup>9</sup>. Vevé não aceitou, brigou para defender a filha da violência que sofrera um dia. Foi morta.

O assassinato de sua mãe transformou Maria da Fé. Ninguém se importava com a morte dos/as negros/as, não eram gente, eram escravos/as. Após um período de silêncio/sofrimento, iniciou uma busca para entender tanta injustiça. Conheceu a Irmandade do Povo Brasileiro, composta por negros libertos e por alguns escravos. Nas reuniões eram contadas histórias dos vários povos africanos,

---

<sup>9</sup>Expressão extraída do livro Viva o Povo Brasileiro.



dos povos indígenas, de seus saberes, lutas, resistências, do sagrado e das diferentes divindades. Maria da Fé contrariando os destinos impostos pelos outros, se tornou assim uma guerreira, líder dos “milicianos do povo”<sup>10</sup>, bem diferentes das atuais “famílicas”. Admirada por muitos/as, temida pelos poderosos, Maria da Fé junto com os outros “inimigos da ordem e da unidade nacional”<sup>11</sup> protagonizaram diferentes ações de lutas e resistências, incluindo Canudos. Vejamos um trecho do diálogo dela com um tenente do exército brasileiro, designado para exterminar Canudos:

O povo brasileiro não deve nada a ninguém, tenente - disse ela - Ao povo é que devem, sempre deveram, querem continuar devendo. O senhor papagaia as mentiras que ouve, porque não interessa aos poderosos saber a verdade, mas apenas do que lhe convém. (...) Que nos dá a República? Dá-nos mais pobreza. Que nos manda a República? Manda seu Exército para nos matar. Se não nos rebelássemos, que nos mandaria? Mandaria a fome e o esbulho para nos matar (...). E são vocês o povo, os donos do país? Não. Somos nós. E, no entanto, é contra nós que se vira a força do país, é contra nós que se vira o ódio, como era contra os escravos (Viva o Povo Brasileiro, 831/832p.).

Existem muitas Marias da Fé nesses Brasis. Diante da pandemia e do atual Estado colonial brasileiro, elas têm que surgir com mais força e de diferentes formas. Algo comum aglutinam as várias Marias da Fé: a reivindicação do nós existimos e somos gente, e gente diversa. Tivemos o manifesto das filhas e dos filhos das empregadas domésticas e das diaristas. Nele reivindicam a vida de suas mães, afirmando que não irão permitir que os patrões e as patroas as deixem morrer por causa do coronavírus<sup>12</sup> (IHU, 2020).

O povo brasileiro que vive nas periferias, junto com alguns movimentos sociais e associações de moradores/as têm organizado diversas ações. Estão fazendo “vaquinhas” para arrecadar dinheiro, cestas básicas e outros itens importantes para enfrentar a pandemia como máscaras, além de identificarem/ajudarem as pessoas mais vulneráveis e divulgarem informações importantes (GOMES, 2020). Estabeleceram parcerias com outros setores da sociedade para a construção do *#MapaCoronaNasPeriferias*. Na ferramenta

---

<sup>10</sup>Expressão extraída do livro Viva o Povo Brasileiro.

<sup>11</sup>Trecho extraído do livro Viva o Povo Brasileiro.

<sup>12</sup>A primeira morte pela Covid-19 no Rio de Janeiro foi de uma empregada doméstica. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

encontramos informações e iniciativas realizadas para o combate ao novo coronavírus, um espaço de trocas e de visibilidade. O mapa conecta quem pode doar e quem necessita de doações (SOUSA, 2020). Conecta: o BraZil encontra o Brasil.

As organizações indígenas também têm se articulado e organizado redes de solidariedade e apoio no combate e prevenção da Covid-19. Campanhas para arrecadação de dinheiro têm sido realizadas para compras de alimentos, itens de higiene e medicamentos (MATHIAS; BALDUINO, 2020). O povo brasileiro LGBTI+ junto com a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), dentre outras entidades, denunciaram a invisibilidade social e propuseram ações específicas para este segmento, que sofre tanto com diferentes tipos de preconceitos e estigmas (ABRASCO, 2020).

Desde do início de seu mandato, o antipresidente não tem feito nada de diferente do que alardeou ao longo de sua campanha eleitoral nas redes sociais e em outros espaços. O gabinete do ódio tem trabalhado a todo vapor. Talvez o choque de algumas pessoas ocorra pelo contexto de pandemia, as negações da realidade, os escárnios e descasos constantes, a violência e a banalização do mal extremas. A estratégia construída para se manter no poder tem sido essa, fascista.

O momento, como algumas análises têm apontado, é de disputa. A omissão não é um lugar possível diante das barbáries cotidianas. Disputar narrativas e práticas para este mundo que já está se desenhando no pós-pandemia (SOS CORPO, 2020; BRUM, 2020). “Que tal? Que 'cê diz”<sup>13</sup>. Desafios de um mundo iníquo em crise climática povoado por Perilos, Marias da Fé, dentre outros, outras e outros. Complexidades de um povo que insiste em não aprender com o processo histórico. Torna-se imperativo, apesar de tudo, o BraZil conhecer e merecer o Brasil, e não o continuar matando, afinal “não há outro mundo”<sup>14</sup>:

*“O BraZil não conhece o Brasil  
O Brasil nunca foi ao BraZil (...)  
O BraZil não merece o Brasil  
O BraZil tá matando o Brasil”*

*Querelas do Brasil (Aldir Blanc e Mauricio Tapajós)*

---

<sup>13</sup>Trecho da música Negro drama dos Racionais Mc's composta por Mano Brown e Edi Rock.

<sup>14</sup> Trecho da música Besta é tu de Moraes Moreira, Luis Galvão e Pepeu Gomes.

## Referências:

AFRO-AMERICANOS. **E não sou uma mulher? – Sojourner Truth**. 2014.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

Acesso: 07 mai 2020.

AGÊNCIA BRASIL. **Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores**

**informais no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-brasil/>

Acesso: 11 mai 2020.

ALESSI, Gil. **A luta contra o coronavírus tem o rosto de mulheres**. 2020.

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-02/a-luta-contra-o-](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-02/a-luta-contra-o-coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres.html)

[coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-02/a-luta-contra-o-coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres.html) Acesso: 09 mai 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). **Considerações da Abrasco sobre a saúde da população LGBTI+ no contexto da epidemia de Covid-19**. 2020. Disponível em:

<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/consideracoes-da-abrasco-sobre-a-saude-da-populacao-lgbti-no-contexto-da-epidemia-de-covid-19/47257/> Acesso: 10 mai 2020.

BOMFIM, Mariana. **Nova CLT completa um ano: Reforma trabalhista não cria empregos prometidos, e informalidade cresce**. 2018. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/apos-um-ano-reforma-trabalhista-nao-criou-empregos-prometidos-e-informalidade-cresceu/#nova-clt-completa-um-ano>

Acesso: 07 mai 2020.

BRASIL ECONÔMICO. **Desigualdade: cinco homens têm patrimônio idêntico à metade mais pobre do Brasil**. 2018. Disponível em:

<https://economia.ig.com.br/financas/2018-01-22/desigualdade-social-estudo.html>

Acesso: 06 mai 2020.

BRUM, Eliane. **O futuro pós-coronavírus já está em disputa**. 2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html?fbclid=IwAR2G46ZgmNoXatYBBx5EpDTdnYNURUq\\_ETppQalubtK0D7QYA99WFbi9PNQ](https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html?fbclid=IwAR2G46ZgmNoXatYBBx5EpDTdnYNURUq_ETppQalubtK0D7QYA99WFbi9PNQ) Acesso: 05 mai 2020

CARTA CAPITAL. **Damares minimiza coronavírus em pessoas em situação de rua: “Ninguém pega na mão”**. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-minimiza-coronavirus-em-pessoas-em-situacao-de-rua-ninguem-pega-na-mao/> Acesso: 09 mai 2020.

DAMÉ, Luiza – AGÊNCIA BRASIL. **Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso**. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso> Acesso: 06 mai 2020.

FARIAS, Juliana. **Da violência doméstica ao desemprego, coronavírus é mais cruel com mulheres**. 2020. Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/18/violencia-domestica-desemprego-a-covid-19-e-mais-violenta-contramulheres.htm?fbclid=IwAR0ZnNySuOMgMjhd5zZ6suhLt57JEUl\\_5dVOxTr6Lcm-bf46TwYJ3Q0GcV4](https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/18/violencia-domestica-desemprego-a-covid-19-e-mais-violenta-contramulheres.htm?fbclid=IwAR0ZnNySuOMgMjhd5zZ6suhLt57JEUl_5dVOxTr6Lcm-bf46TwYJ3Q0GcV4) Acesso: 09 mai 2020.

FERRAZ, Diogo. **São Paulo e outras quatro capitais próximas do colapso na saúde**. 2020. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2020/04/28/sao-paulo-e-outras-quatro-capitais-proximas-do-colapso-na-saude/> Acesso: 08 mai 2020.

GÁMEZ, Luna. **A dupla ameaça para os povos da Amazônia**. 2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/planeta\\_futuro/2020-04-23/a-dupla-ameaca-para-os-povos-da-amazonia.html](https://brasil.elpais.com/planeta_futuro/2020-04-23/a-dupla-ameaca-para-os-povos-da-amazonia.html) Acesso: 09 mai 2020.

GOMES, Rodrigo. **Coronavírus: sem ação dos governos, periferias se organizam como podem**. 2020. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/03/coronavirus-periferias-favelas-ocupacoes/> Acesso: 10 mai 2020.

GUIMARÃES, Géssica. **A sobrecarga do trabalho feminino em tempos de pandemia**. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/a-sobrecarga-do-trabalho-feminino-em-tempos-de-pandemia/> Acesso: 09 mai 2020.

G1. **Brasil tem 2ª maior concentração de renda do mundo, diz relatório da ONU**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem-segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghtml> Acesso: 06 mai 2020.

IHU (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS). **'Pela vida de nossas mães', dizem filhas e filhos de empregadas domésticas em manifesto**. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597331-pela-vida-de-nossas-maes-dizem-filhas-e-filhos-de-empregadas-domesticas-em-manifesto> Acesso: 10 mai 2020.

JORNALISTAS LIVRES. **A casa-grande: Prefeito de Belém inclui empregadas domésticas em serviços essenciais**. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/a-casa-grande-prefeito-de-belem-inclui-empregadas-domesticas-em-servicos-essenciais/> Acesso: 09 mai 2020.

LISBOA, Vinícius. **Justiça determina registro obrigatório de raça em casos da covid-19**. 2020. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/justica-determina-registro-obrigatorio-de-raca-em-casos-da-covid-19?fbclid=IwAR1zJkAzgRfkW1JwerPOD2wSRPaK9UG40vtW4XSNZ3Nm\\_W1TtSWUtvCAAiU](https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/justica-determina-registro-obrigatorio-de-raca-em-casos-da-covid-19?fbclid=IwAR1zJkAzgRfkW1JwerPOD2wSRPaK9UG40vtW4XSNZ3Nm_W1TtSWUtvCAAiU) Acesso: 07 mai 2020.

MATHIAS, Maíra; BALDUINO, Ludmilla. **Conheça as campanhas que arrecadam dinheiro para populações indígenas em meio à pandemia**. 2020. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/04/07/conheca-as-campanhas-que->

[arrecadam-dinheiro-para-populacoes-indigenas-em-meio-a-pandemia/](#) Acesso: 10 mai 2020.

MENEZES, Cynara. **A carta-manifesto de Flávio Migliaccio é um alerta sobre o mundo em que vivemos**. 2020. Disponível em:

[https://www.socialistamorena.com.br/a-carta-manifesto-de-flavio-migliaccio-e-um-alerta-sobre-o-mundo-em-que-vivemos/?fbclid=IwAR2DUwSZDvPkUjz3MGKeVOWW\\_fa0m5TUEVkpDVkCo1BEt429IL761ZkEj2U](https://www.socialistamorena.com.br/a-carta-manifesto-de-flavio-migliaccio-e-um-alerta-sobre-o-mundo-em-que-vivemos/?fbclid=IwAR2DUwSZDvPkUjz3MGKeVOWW_fa0m5TUEVkpDVkCo1BEt429IL761ZkEj2U) Acesso: 09 mai 2020.

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). **Ministério lança material voltado ao público LGBT para prevenção do coronavírus**. 2020.

Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/ministerio-lanca-material-voltado-ao-publico-lgbt-para-prevencao-do-coronavirus> Acesso: 09 mai 2020.

MODELLI, Laís. **Violência física e sexual contra mulheres aumenta durante isolamento social provocado pelo coronavírus**. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/violencia-fisica-e-sexual-contra-mulheres-aumenta-durante-isolamento-social-provocado-pelo-coronavirus.ghtml> Acesso: 09 mai 2020.

NOGUEIRA, Luiz. **Covid-19: Brasil tem o maior registro de óbitos em 24h com 751 casos**. 2020. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/covid-19-brasil-registra-9-265-mortes-e-136-519-casos-da-doenca/98089> Acesso: 09 mai 2020.

OUTRAS PALAVRAS. **Brasil sob ameaça da uberização sem direitos**. 2020.

Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/brasil-sob-ameaca-da-uberizacao-sem-direitos/> Acesso: 07 mai 2020.

PONTES, Felipe. **Covid-19: proposta de usar contêineres em prisões é ilegal, diz CNJ**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020->

[04/covid-19-proposta-de-usar-conteineres-em-prisoas-e-ilegal-diz-cnj](#) Acesso: 09 mai 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o Povo Brasileiro (1984). In: BERN, Zilá (org). João Ubaldo Ribeiro: obra seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2005.

SIMÕES, Nataly. **Negros e periféricos são os mais afetados pelo aumento da população carcerária no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/negros-e-perifericos-sao-os-mais-afetados-pelo-aumento-da-populacao-carceraria-no-brasil> Acesso: 09 mai 2020.

SOS CORPO. **Tempos modernos? Trabalho das mulheres em pandemia.** 2020. Disponível em: <http://www.analisepoliticaemsaude.org/oaps/documentos/pensamentos/debatesepensamentos-trabalhoemulheres/> Acesso: 08 mai 2020.

SOUSA, Márcia. **Mapa reúne ações para combater Covid-19 nas periferias.** Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/covid19/mapa-covid-19-nas-periferias/> Acesso: 10 mai 2020.

SUDRÉ, Lu; COCOLO, Ana Cristina. **Brasil é o 5º país que mais mata mulheres.** 2016. Disponível em: <https://www.unifesp.br/edicao-atual-entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres> Acesso: 09 mai 2020.

TAJRA, Alex; ANDRADE, Hanrrikson. **Carreatas contra isolamento social têm críticas a Maia e apoio a Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/18/carreatas-contraisolamento-social-tem-criticas-a-maia-e-apoio-a-bolsonaro.htm> Acesso: 07 mai 2020.